

## TAHAR BEN JELLOUN E A IDENTIDADE PÓS-COLONIAL

---

Ana Cristina Tavares

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia

Este trabalho debruça-se sobre a literatura pós-colonial e as questões de identidade dos escritores dos países colonizados do Magrebe. Centramo-nos em Tahar Ben Jelloun, escritor franco-marroquino que reflete sobre a sua identidade, o bilinguismo e a pertença a duas culturas assim como sobre o conceito de francofonia.

**Palavras-chave:** Literatura pós-colonial, Magrebe, Tahar Ben Jelloun, Francofonia

---

Notre travail analyse la littérature postcoloniale ainsi que les questions identitaires des écrivains des pays colonisés du Maghreb. On se penche sur Tahar Ben Jelloun, écrivain franco-marocain qui réfléchit sur son identité, son bilinguisme, son appartenance à deux cultures ainsi que sur le concept de francophonie.

**Mots-clés:** Littérature postcoloniale, Maghreb, Tahar Ben Jelloun, Francophonie

---

«Je suis un écrivain pas souche. Comme Milan Kundera, Alain Mabankou, Hector Bianciotti, Kateb Yacine, Georges Schéhadié, Amine Maalouf etc. ma souche n'est pas de France et pourtant je suis comme mes autres camarades un écrivain français.»

Ben Jelloun, «*On ne parle pas le francophone*»

É evidente que a literatura pós-colonial terá diferenças significativas consoante o país e a cultura em que se manifesta. No entanto, pensamos que haverá traços comuns devido essencialmente à existência dos eixos dominador/dominado ou colonizador/colonizado, próprios da condição colonial e pós-colonial. Entendemos a expressão «pós-colonial» como abarcando a totalidade do processo de descolonização que marcou, ainda que de maneiras diversas, as duas faces da mesma moeda (colonizadores e colonizados), havendo forçosamente um processo de ambivalência. A colonização, apesar de se inscrever num espaço outro, diverso do da metrópole inclui forçosamente as culturas imperiais, assim como as dos povos colonizados. Não foi por acaso que a teoria pós-colonial surgiu justamente nos meios universitários dos países que, no passado, ocuparam a posição de potência colonizadora.

Sabe-se que os estudos pós-coloniais questionam a organização do mundo a partir de perspectivas eurocêntricas, onde o sujeito, preferencialmente branco, masculino e heterossexual seria o paradigma. Do ponto de vista académico, a designação de «pós-colonialismo» refere-se aos estudos que se debruçam sobre os efeitos da colonização nas culturas e sociedades colonizadas e que estão relacionados igualmente com uma parte da teoria pós-modernista que procura o «descentramento», estudando fenómenos ou aspetos sociológicos ou culturais das minorias ou das denominadas «margens», daí o interesse dos estudos sobre minorias étnicas, as mulheres ou os homossexuais. Esse movimento desenvolveu-se nos anos 80 e 90, essencialmente nos EUA, estando ligado aos denominados Estudos Culturais.

A própria expressão «pós-colonialismo» pressupõe que este chegou ao fim. Ora, se analisarmos a situação de muitos países, veremos que tal não é o caso, persistindo sob várias máscaras ou disfarces. Esta literatura pós-colonial foi, em parte, produzida pelos escritores oriundos de países colonizados que imigraram, muitos deles, para a metrópole colonizadora sendo denominados como «migrant writers».

Gostaríamos de fazer uma breve reflexão sobre o caso do escritor contemporâneo franco-marroquino Tahar Ben Jelloun que encarna e problematiza na sua investigação, nas suas produções literárias, assim como na sua postura de cidadão, os dilemas da integração e do papel do imigrante que vive no espaço do antigo colonizador. Outro aspeto interessante na sua obra é a problematização linguística, a questão da apropriação da língua do colonizador (língua francesa) por parte do colonizado. Em toda a sua obra e, sobretudo nos ensaios e crónicas, perpassa a dualidade vivida pelo homem/escritor que tem uma dupla nacionalidade e vive metade do ano no seu país natal, na cidade de Tânger, o país colonizado ou antes ex-protetorado francês, e passa o resto do ano em Paris, a capital do colonizador. Antes de nos centrarmos na problemática identitária deste escritor consideramos pertinente fazer algumas breves alusões à literatura francófona em Marrocos.

A literatura de expressão francesa nos países do Magrebe mantém relações complexas com as línguas e as culturas locais. O desenvolvimento e a expansão da literatura francófona constitui um fenómeno relativamente recente no mundo árabe. Sabemos que os fenómenos de plurilinguismo e os contactos linguísticos engendram necessariamente mestiçagens linguísticas e inscrevem-se numa história recíproca de aculturação. Os contactos linguísticos que os países do Magrebe conheceram na época moderna provocaram determinadas formas de mestiçagem, incluindo as línguas locais e as suas variedades (caso do berbere) ou da língua nacional (o árabe) e do outro lado uma língua exógena como é o caso do francês. Num outro artigo (Tavares 2006) já tivemos ocasião de nos debruçarmos mais em pormenor sobre os fenómenos de mestiçagem linguística nos países do Magrebe.

A relação do francês com o mundo árabe é bastante complexa. Esta língua europeia foi introduzida com a colonização, no século XIX, tornando-se a língua internacional na bacia mediterrânica. No século XX, desde os anos 30 que vários autores do Magrebe, do Egipto ou do Líbano redigem em francês. No entanto, a época de grande produção literária em língua francesa no Magrebe situa-se nos anos 50-60, época da descolonização

e é em parte tributária da política colonial francesa. Em Marrocos, protetorado francês, foi essencialmente no período pós-colonial, nos anos 70, que se desenvolveu uma rica literatura francófona a par da literatura em língua árabe. Nessa época, poucos autores marroquinos conseguiram ser editados em França com exceção de Ben Jelloun.

Igualmente nessa época, essencialmente a partir de 1966, a literatura francesa e a reflexão linguística adquiriram grande pujança com a publicação da revista *Souffles*, criada pelo escritor marroquino Abdellatif Laâbi, publicada entre 1966 e 1972, data da sua interdição. Essa publicação cultural estava aberta ao mundo árabe e igualmente à colaboração africana e os textos eram escritos tanto em árabe como em francês. A problematização linguística era frequente nessa publicação trimestral e os escritores interrogavam-se sobre o estatuto e utilização do francês. Com efeito, há uma coexistência linguística não pacífica quando os intelectuais marroquinos, e magrebinos em geral, assumem o francês como língua de expressão.

O já mencionado Abdellatif Laâbi, por exemplo, considerava que a essência dessa literatura francófona era marroquina, nacional, pois o fundo cultural e ideológico eram árabes ao passo que o instrumento linguístico usado – a língua francesa – transportava consigo uma ideologia e cultura específicas da realidade francesa e ocidental. Esse autor preconizava uma espécie de «transcultural» nessa literatura do Magrebe em que a identidade do povo se pudesse exprimir neutralizando os elementos da língua exógena – o francês – considerados como negativos, tanto do ponto de vista terminológico como dos modelos culturais. Esse tradutor e escritor marroquino defendia também que era necessário importar para o francês outros modelos e terminologia próprios do Magrebe. Assim, podemos compreender as razões pelas quais essa literatura magrebina de expressão francesa rompe por vezes com a norma linguística francesa.

Com efeito, não nos podemos esquecer que as literaturas francófonas têm lutado sempre para se afirmarem perante a hegemonia cultural francesa. Para a maioria dos escritores francófonos marroquinos o francês não é a sua língua materna. Nos seus textos encontramos sempre a presença de outras línguas ou variedades dialetais. É evidente que existe sempre uma tensão natural entre a língua exógena – o francês – adotada pelos escritores francófonos e as outras línguas do país<sup>1</sup>.

Será durante os anos 70-80 que algumas outras problemáticas sociais da modernidade como a polifonia terão favorecido o reconhecimento por parte dos franceses das culturas e literaturas francófonas. Com efeito, assiste-se à construção de um espaço literário francófono pois esses textos são escritos, editados e lidos fora dos circuitos franceses.

Como já referimos, o período que nos interessa é o pós-colonial em que os escritores manifestam com frequência a sua revolta ou decepção relativamente à situação do seu país : os problemas económicos, a falta de democracia e liberdade ou a corrupção generalizada. Os escritores transmitem igualmente uma visão do Islão como religião pou-

---

1 Em Marrocos, o árabe é a única língua oficial sendo o berbere a língua autóctone. O berbere é falado por cerca de 30 milhões de marroquinos o que corresponde a mais de 40% da população e é ensinado na escola primária, após uma decisão do rei Hassan II, em 1994.

co adaptada aos desafios do mundo contemporâneo. Assim, vários escritores como Ben Jelloun escolheram a rota do exílio.

Ben Jelloun, poeta, romancista e ensaísta, nascido em Fés (1944) fez os seus estudos superiores em Marrocos e aí ensinou Filosofia. Colaborou na revista *Souffles* de 1968 a 1970. Mas após a arabização do ensino decidiu ir para França (1971) onde defendeu uma tese de Doutoramento em Psiquiatria Social, em 1975, intitulada «La misère affective et sexuelle des travailleurs nord-africains en France». Colaborador assíduo do journal *Le Monde* viu o seu mérito reconhecido, em 1987, com a atribuição do prémio Goncourt pelo romance *La Nuit Sacrée*.

Como outros escritores do Magrebe, Ben Jelloun ao usar o francês apropria-se dessa língua e aí coloca o germe da sua criatividade literária. Trabalha essa língua, reinventa-a, efetua algumas mestiçagens e por vezes até lhe dá alguns «empurrões» mas proporcionando-nos sempre textos plenos de sentido e de beleza que não podem deixar o leitor indiferente. Segundo ele próprio, necessita de viver uma parte do ano em Marrocos pois é de lá que lhe vem a inspiração para escrever.

Ben Jelloun é herdeiro de uma dupla cultura, a do seu país de origem (Marrocos) e a do seu país de adoção (França). Este escritor facilita o contacto e o conhecimento entre o mundo ocidental e oriental refletindo sobre a questão identitária e as suas escolhas linguísticas. Gostaríamos de nos debruçar agora sobre a relação que o autor mantém com a língua francesa, a única escolhida para se exprimir literariamente apesar de não ser a sua língua materna. Nesta nossa breve reflexão tomaremos por base algumas crónicas dos últimos anos, publicadas na imprensa francesa e/ou presentes na página Internet oficial do escritor.

Em primeiro lugar, e por ordem cronológica, gostaríamos de evocar algumas passagens de «Suis-je un écrivain arabe ?», crónica colocada na página Internet do escritor em 28/11/2004. Nesse texto o escritor coloca abertamente a questão da sua identidade literária, árabe ou francesa:

Etablir une identité c'est établir une adéquation entre le nom, le prénom et celui qui les porte. Mais en littérature, l'identité peut être trompeuse surtout quand on définit un écrivain par la langue qu'il parle et dans laquelle il écrit, la langue de la mère et du pays natal. La littérature arabe n'est faite que par des Arabes. [...] La liste des écrivains qui sont nés dans une langue et qui ont choisi d'écrire dans une autre est longue. On connaît surtout les francophones. Mais il faut parler aussi des écrivains indiens, pakistanais et même japonais qui écrivent directement en anglais et qui sont considérés comme des écrivains à part entière. La différence entre les francophones et les anglophones c'est que les Anglais ou Américains ne passent pas leur temps à se demander si Arhunday Roy, Salman Rushdie, Hanif Kureichi, Naipaul, Anita Nair sont des écrivains anglais ou indiens. Pour eux la question ne se pose pas. Ce sont des écrivains britanniques. [...] Dans notre cas, celui des écrivains maghrébins d'expression française, le politique s'immisce dans la question et crée la polémique. (Ben Jelloun 2004)

Neste texto, o escritor mostra as diferenças entre a francofonia e a anglofonia mostrando a coerência desta última que não questiona a identidade dos escritores que têm uma outra língua materna mas decidiram escrever em inglês, sendo naturalmente considerados escritores de língua inglesa. No caso da francofonia, como a política resolveu interpor-se criou a polémica em torno da identidade dos escritores magrebinos de expressão francesa. Ben Jelloun faz ainda alusão ao facto dos autores do Magrebe que redigiam em francês, durante os anos 60, serem considerados como traidores, ou até vistos como herdeiros do colonialismo francês. Mais tarde, em França, ao efetuar os seus estudos, Ben Jelloun compreendeu que a única maneira de se afirmar seria pela escrita e explica as razões da escolha do francês em vez do árabe como língua de expressão:

Pourquoi ne l'ai-je pas fait en arabe ? Parce que je ne maîtrisais pas cette langue au point d'en faire ma langue de création. Comme tous les gens de ma génération j'ai eu une formation bilingue. Très vite la langue de l'étranger a pris le dessus sur la langue de la mère. Au départ j'en faisais un jeu, je voulais prouver que j'étais capable de briller dans la langue du colon, mais c'était en même temps la langue de Voltaire, de Montaigne, de Genet, de Rimbaud etc. j'ai oublié le colon et je me suis plongé dans les œuvres de ces grands génies de la langue française. A aucun moment je n'ai eu le sentiment que je m'égarais, que je trahissais ma patrie, ma culture d'origine. Au contraire, je me suis senti fier, car pour moi, jamais je n'ai douté de mon arabité, de ma marocanité, je n'ai jamais senti que je m'éloignais de mes racines. (Ben Jelloun 2004)

Assim, a escolha do francês deveu-se essencialmente à sua formação bilingue, à atração pelos grandes nomes da literatura francesa e pelo facto de não ser por essa via que se afastava das suas raízes. Em seguida, o autor continua a enumerar outros argumentos a favor do facto de querer ser considerado exclusivamente como um escritor, sem distinções linguísticas, geográficas, culturais ou outras e considerando as suas múltiplas influências como enriquecedoras:

Ceux qui font des dictionnaires me classent parmi les écrivains francophones d'origine marocaine. D'autres me mettent parmi les écrivains français de souche sans distinction d'origine ni géographique ni linguistique. Enfin il y a ceux qui considèrent que je suis un écrivain, sans plus. Je pense que c'est la définition que je préfère. [...] A présent je poserai la question de manière encore plus directe : quelle est la patrie de l'écrivain ? Sa patrie c'est la littérature, c'est par conséquent la langue dans laquelle il écrit. Suis-je pour autant un Français ? Littérairement oui. Je suis un écrivain français, d'un type particulier, un Français dont la langue maternelle, affective et émotionnelle est l'arabe, un Marocain qui n'a aucun problème d'identité, qui se nourrit de l'imaginaire populaire du Maroc et qui ne le quitte jamais. C'est une situation intéressante du point de vue littéraire. Le bilinguisme, la double culture, le métissage des civilisations constituent une chance et une richesse, ce qui permet une belle aventure. (Ben Jelloun 2004)

Neste belo texto conclui então que não tem qualquer problema identitário, considerando-se um escritor bilingue com uma dupla cultura o que considera ser um fator de enriquecimento.

Uma outra crónica que aborda estas questões identitárias e linguísticas intitula-se «Merci Monsieur Beckett» e foi colocada na página Internet oficial do escritor em maio de 2006, destinando-se a celebrar o centenário de Samuel Beckett:

J'aurais voulu parler avec lui du bilinguisme, de cette belle capacité qu'il avait de passer de l'anglais au français, avec toujours la même exigence, la même force. J'aurais aimé savoir si cela lui posait des problèmes. [...] Je lui aurais peut-être dit que nous autres écrivains de la francophonie, nous sommes tout le temps sommés de nous expliquer pourquoi nous n'écrivons pas dans la langue maternelle. On nous le demande souvent avec agressivité comme si nous étions responsables des aléas historiques et politiques de nos pays. (Ben Jelloun 2006)

Como podemos constatar, a questão do bilinguismo e da escolha de uma língua não materna como forma de expressão é continuamente retomada. O autor sente a necessidade de se justificar pelo uso da língua francesa fornecendo como argumento principal o facto do mesmo se verificar com outros escritores sem que isso coloque problemas. Em suma, Ben Jelloun parece considerar esse debate inútil.

Por último gostaríamos de evocar o seu artigo intitulado «On ne parle pas le francophone», publicado no jornal *Le Monde Diplomatique*, em maio de 2007, e igualmente presente na sua página Internet desde 5/5/2007. Nesse texto ele elucida-nos sobre o modo como a língua árabe vem em seu auxílio quando lhe faltam vocábulos em francês:

C'est que ma langue maternelle cultive l'hospitalité et entretient la cohabitation avec intelligence et humour. Ainsi, que de fois il m'est arrivé en écrivant d'avoir un trou, un vide, une sorte de lacune linguistique. Je cherche l'expression ou le mot juste, mot parfois banal et je ne le retrouve pas. La langue arabe, classique ou dialectale, vient à mon secours et me fait plusieurs propositions pour me dépanner. (Ben Jelloun 2007)

Ben Jelloun também se interessa pela análise do conceito de francofonia e usa palavras que mostram claramente o seu desencanto:

Il m'est arrivé parfois de me rebeller contre la notion si ambiguë, si étroite de la francophonie. Est considéré comme francophone l'écrivain métèque, l'écrivain pas souche, celui qui vient d'ailleurs [...] Cette notion de souche est aussi antipathique que celle de francophone. Cette distinction existe, elle est faite par les dictionnaires, par les médias et par les politiques. Pour peu elle ressemblerait à une discrimination. [...] Cette colère n'a plus lieu d'être. Simplement parce que le public, le grand public [...] aime la bonne littérature quels qu'en soient l'auteur, sa couleur de peau, ses origines géographiques, ses horizons ou le grain de sa voix quand il lui arrive de lire ce qu'il a écrit. Depuis, on sait que la francophonie a rejoint son statut d'origine, celui d'une aire politique entretenant une mémoire coloniale à peine dépassée ou plutôt déguisée. (Ben Jelloun 2007)

Para Ben Jelloun, evidentemente que não falamos em francófono e para ele uma língua será como um país sem fronteiras, algo que é universal estando sempre disponível para todos aqueles que a querem utilizar e enriquecer. Igualmente nesse artigo, denuncia o espírito tacanho dos políticos franceses assim como a falta de meios da França para uma autêntica política linguística de defesa da língua na qual escolheu exprimir-se:

Tout le paradoxe est là. On ne parle pas le francophone. On ne l'écrit pas non plus. [...] La France a des mots choisis pour parler de sa politique de coopération, mais elle n'a pas les moyens de cette politique. (Ben Jelloun 2007)

Interessa-nos a reflexão subjacente às tomadas de posição de Ben Jelloun que, num 1º momento é um defensor da francofonia, para na sua fase atual a considerar quase como uma segunda colonização. A proposta de globalização francófona parece ser para o autor uma nova forma de domínio que se esconderia sob uma aparente igualdade.

Talvez Ben Jelloun rejeite o conceito de francofonia por ver nele uma forma de raciocínio que não abandona afinal os conceitos de «centro» e «periferia», sendo o modelo linguístico permanente sempre a língua francesa da França. A oposição entre o conceito de «identidade» e «alteridade» está aliás no âmago da relação entre colonizador e colonizado, na interpretação dos critérios de igualdade e diferença.

Sendo um dos muitos escritores migrantes do nosso século, Ben Jelloun reivindica o direito de não ser excluído de nenhuma parte da sua herança, isto é, ele quer ter o direito de ser tratado como um membro da sociedade francesa, porém sem ter de abdicar do direito de debruçar-se sobre as suas raízes marroquinas, sua principal fonte de inspiração. Aliás na crónica «Comment se définir en tant que marocain?» colocada na Internet em 29/11/2008 o autor refere que quanto mais viaja e se afasta geograficamente de Marrocos mais sente saudades de todas as contradições do país apesar de procurar ter uma visão lúcida e crítica sobre o mesmo:

Plus je voyage, plus je m'éloigne géographiquement du Maroc, plus ce pays, sa lumière, ses odeurs, ses contradictions, ses incohérences, ses bruits, sa musique, sa beauté, me manquent. Un psychanalyste dirait que c'est l'aveu d'une relation compliquée. Pourtant j'essaie d'être lucide et même objectif quand je pense et parle du Maroc. (Ben Jelloun 2008)

E nessa mesma crónica, o autor refere novamente o problema identitário considerando que, apesar da presença agressiva do colonizador, Marrocos conseguiu conservar as suas raízes mas sofre atualmente com uma imagem algo negativa no estrangeiro relacionada essencialmente com o terrorismo e a delinquência ligada à imigração clandestina:

Ceux qui souffrent d'un problème d'identité parce que l'histoire les a maltraités ou niés passent leur vie à rechercher leurs racines. Ce n'est pas le cas des Marocains, simplement parce que le Maroc est une nation bien ancrée dans l'histoire et qu'ils ont eu la chance de ne pas se faire dépouiller de leurs racines par une colonisation agressive et étalée dans le temps comme ce qui s'est passé en Algérie par exemple. (Ben Jelloun 2008)

Poder-se-ia pensar que a distância física da sua terra natal o faz construir um país imaginário e por vezes algo idealizado, fruto da sua memória e da nostalgia da ausência, mas em Ben Jelloun a questão é diferente e talvez mais complexa pois não se trata de uma mas sim de duas pátrias (França e Marrocos) e não de uma mas sim de duas línguas que disputam o seu lugar junto do escritor (árabe e francês). Talvez a antinomia eu/outro necessite de ser ultrapassada neste e noutros casos. Com efeito, a situação específica do escritor migrante faz da criação literária um exercício social e político por meio do qual ele procura encontrar novos ângulos de aproximação da realidade. Trata-se talvez mais de uma luta interior entre duas culturas.

Um dos fatores a serem tomados em consideração é a questão da apropriação do idioma da pátria de adoção. Adotar o idioma do colonizador não significa aceitar o papel de colonizado, uma vez que, ao reinterpretar a cultura de seu país de origem nesse idioma, o escritor migrante inicia um processo de tradução cultural.

Vários estudiosos defendem que o processo de descolonização passará pela desconstrução dos modelos de dominação que têm orientado não só os estudos culturais como também uma boa parte dos estudos literários contemporâneos. Na senda de Salman Rushdie, Ben Jelloun opõe o conceito de «Literatura Global», que é orientada pelo mercado e pela indústria de cultura de massa, ao conceito de «Literatura dos Mundos» daí o seu manifesto «Pour une littérature monde», ou seja, uma literatura de resistência, que recusa o processo de assimilação que lhe é imposto, em prol do reconhecimento da diversidade cultural. Essa literatura é a ponte do diálogo entre os «mundos», isto é, entre indivíduos de etnias e heranças culturais diversas. De referir que essa «Literatura dos mundos» mostra afinal a capacidade da literatura de se traduzir e de traduzir o mundo. Ela contém a pluralidade dos discursos e das culturas que se aliam contra a globalização e que mantêm entre si um diálogo aberto através das migrações, das hibridações e da mestiçagem.

Tahar Ben Jelloun e o escritor migrante em geral, ao escrever numa língua que não é o seu idioma materno aí imprime a sua marca e a das suas raízes ao apropriar-se dela numa literatura que com o seu prestígio o absorve fazendo com que, na prática, a descolonização literária saia definitivamente das mãos do colonizador.

A superação do colonialismo e do pós-colonialismo, que a literatura torna possível, será viável através do diálogo intercultural: um diálogo franco, realista, que assuma as diferenças sem visões globalizantes redutoras. A literatura poderá ser, afinal, o espaço e o momento onde todas as vozes se tornem audíveis e a comunicação/diálogo se tornem efetivos. Aliás em 2006 Ben Jelloun recebeu, em Espanha, o prémio da Paz, da Associação das Nações Unidas, pela sua obra que contribui para o enraizamento dos valores de solidariedade, da paz, da coexistência e da aproximação das civilizações lutando contra o extremismo e a xenofobia. Ben Jelloun é o escritor francófono mais traduzido no mundo o que confere uma maior projeção ao seu empenhamento político e cultural. Para ele, escrever é a sua forma de agir sobre a situação social em Marrocos e nas relações humanas em geral. A questão da sua identidade, como várias vezes o referiu nas crónicas, é decidida afinal pelos leitores que reconhecem a boa literatura independentemente da cor da pele do escritor ou das suas origens geográfico-culturais.

## Bibliografia

- Ben Jelloun, Tahar. 2004. «Suis-je un écrivain arabe?» In: *Tahar Ben Jelloun – Le Site Officiel*. Consultado em setembro 2009. <http://www.taharbenjelloun.org>.
- \_\_\_\_\_. 2006. «Merci Monsieur Beckett.» In: *Tahar Ben Jelloun – Le Site Officiel*. Consultado em setembro 2007. <http://www.taharbenjelloun.org>.
- \_\_\_\_\_. 2007. «On ne parle pas le francophone.» In: *Tahar Ben Jelloun – Le Site Officiel*. Consultado em setembro 2007. <http://www.taharbenjelloun.org>.
- \_\_\_\_\_. 2008. «Comment se définir en tant que marocain.» In: *Tahar Ben Jelloun – Le Site Officiel*. Consultado em abril 2008. <http://www.taharbenjelloun.org>.
- Jouber, Jean-Louis. 1986. *Les littératures francophones depuis 1945*. Paris: Bordas.
- Hall, Stuart. 1998. *A identidade cultural na pós-modernidade*, Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, Rio de Janeiro: DP & A.
- Souffles*. (dir A Laâbi). <http://clicnet.swarthmore.edu/souffles/sommaire.html> (nº1-6) e <http://www.seattleu.edu/souffles/> (nº 7-22). Consultados em 2007.
- Tavares, Ana Cristina. 2006. «Aspetos de mestiçagem linguística e cultural no Magrebe». Em *Babilónia: Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução*, nº4, 41-53. Lisboa: Ed. Universitárias Lusófonas.